

Uma Breve Reflexão Sobre o Pensamento de Piera

Ede de Oliveira Silva *

Falar de Piera, resenhar um livro seu ou indicá-lo não é uma tarefa difícil; todos deveriam ser lidos. Porém, aí é que está a questão; difícil é lê-los até o fim. Já me reporte num outro momento meu encontro com a sua teoria e volto a afirmar *ipsis litteris* e *ipsis verbis* tudo aquilo que tinha dito antes.(1)

Olhando para a obra da autora, de uma maneira mais abrangente, podemos dividi-la em 3 partes: num primeiro momento seus trabalhos estavam muito influenciados pelo pensamento lacaniano e tentavam dar conta da explicação teórica de pacientes graves (psicoses, perversões) através desta vertente; num segundo momento, como reflexo da sua ruptura com o pensamento lacaniano e da maneira pela qual esta ruptura se deu - inclusive com a criação do 4º Grupo - Piera desenvolve trabalhos importantes sobre as instituições psicanalíticas e sobre a formação do analista. Neste período de produção vemos todo o seu ranço para com o pensamento e prática lacanianos, e, ao mesmo tempo, os germens de todo seu pensamento singular, individual e autônomo que lhe dará identidade própria; no terceiro momento, o último, vemos eclodir e explodir, com toda sua força, todos estes conceitos e idéias novas que nos fazem refletir, exigindo-nos uma nova arrumação, um novo arranjo, por ter transformado os anteriores em suportes, em alicerces, nos quais foram construídos seus novos conceitos. Mais um degrau foi construído. E entrar em contacto

com o pensamento pieraniano é viver e experimentar um verdadeiro abalo sísmico em nossas convicções e em nosso saber. Isto não quer dizer que a estamos transformando numa iconoclasta, numa destruidora de ídolos e teorias, pelo contrário, estamos dando ênfase aos acréscimos de conceitos (teóricos e práticos) grandemente inovadores e que são, ao meu ver, indispensáveis hoje em dia para o entendimento do psiquismo humano e para a clínica psicanalítica.

Como já dissemos, a autora estudou e trabalhou em sua prática clínica, dando maior ênfase e importância para casos mais difíceis, principalmente no campo da psicose. Em seu grande livro, talvez o melhor, que inicia a sua terceira fase. "A Violência da Interpretação", nos deparamos com uma meta psicologia, que tenta dar conta do entendimento da estrutura psicótica, ou melhor dito, dentro do pensamento pieraniano, da problemática psicótica (depois voltaremos a nos referir ao motivo pelo qual a mesma utiliza problemática invés de estrutura psicótica). Então ao entrarmos neste novo modelo de funcionamento do psiquismo, verificamos que ele é colocado e teorizado não para ser um modelo exclusivo de funcionamento do aparelho psíquico na psicose, mas, nos damos conta que este modelo é muito mais

* Professor do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - São Paulo

(1) Boletim Formação em Psicanálise - Ano I, Vol1, 1992.

amplo do que o exposto por Freud, visto que nele podemos ver descortinar também a problemática neurótica, a perversa e a normal. Com isto a autora nos prega uma grande peça porque nos faz pensar que estamos estudando especificamente as psicoses e nos deparamos com uma abrangência que transborda estes limites.

Para Piera tudo se passa em três espaços com postulados próprios de funcionamento, inerentes a cada um deles. Temos o PROCESSO ORIGINÁRIO onde o postulado vigente é o auto-engendramento. Nada ocorre, nada existe dentro deste processo que não seja criação própria e exclusiva. O extra-psíque neste momento não é considerado externo ao psiquismo, mesmo que o encontro boca-seio já tenha se dado.

Um peito e uma zona erógena se encontram, mas este registro, isto é, no originário, tudo se passa como se o extra-psíque não existisse. No registro do pictograma, o encontro boca-seio é representado por um objeto-zona complementar cujo vínculo é indissolúvel e co-extensivo aos afetos predominantes neste momento do encontro. A representação pictográfica do peito só existe porque existe uma boca, que também aí está sendo representada e que lhe outorga a sua existência. Este encontro é metabolizado, no sentido estrito do termo como sendo uma produção própria. Este modelo de funcionamento, onde este espaço psíquico se apossa de tudo que lhe chega oriundo do exterior e o transforma em algo seu, é tomado emprestado do modo do funcionamento do metabolismo do corpo e dos órgãos sensoriais. Esta linguagem binária e radical inerente são processos corporais, bem como de seus órgãos sensoriais é transposta para o pictograma e transformada em seu próprio postulado de funcionamento onde os objetos funcionais determinam a existência um do outro. Por exemplo, só existe um órgão sensorial olho se houver um objeto para ser olhado. A função do olho é olhar e para isto precisa do objeto alvo de sua função. A ausência de objeto para ser visto determina o desaparecimento desta função e então do próprio olho. Isto funciona de uma maneira geral para os outros órgãos sensoriais. É este modelo que é tomado emprestado ao corpo pelo processo ORIGINÁRIO. Todo este radicalismo é transposto para o aparelho psíquico e assim determinará o modo de funcionamento das relações representante-representado, indissolúveis

neste momento. As exigências corporais como expressão das necessidades vão ser registradas no psiquismo como desprazer e a saciedade, o alívio destas tensões, entram no registro do prazer. O amor neste momento vai estar associado a esta baixa de tensão e conseqüentemente a esta união indissolúvel objeto-zona complementar. União sufocante e mortífera. O ódio se vincularia a elevação de tensão por conta da não satisfação da necessidade, provocado pela ausência do objeto. A busca inicial da representação boca-seio visa, alucinatoriamente, reduzir esta tensão. Se esta alucinação persiste além de um certo limite, mobilizaria forças radicais no sentido de destruir, de impedir este investimento. A representação boca-seio seria banida de dentro do aparelho psíquico e com ela também a instância que a representa. Portanto, ou a representação boca ficaria ligada eternamente à representação seio como expressão de amor ou seria destruída juntamente com o seio como expressão deste ódio mortal. O amor e o ódio são originários, isto é, o desejo e o desejo de não desejar estão aí desde o princípio. Voltando portanto a este modelo, a função pictograma seria a de representação destas experiências e o prazer disto está relacionado com a execução deste trabalho. Para que algo alcance o aparelho psíquico tem de preencher a condição de ser prazeroso ou que tenha como proposta prazer futuro. Toda experiência para ter representação psíquica tem de passar pelos órgãos sensoriais e com isto já fica implícito o prazer pelo exercício de sua própria função, a expressão psíquica seria inevitável. Por isto, logo se vê a influência destas experiências no âmbito do psiquismo. Como não existe uma situação na qual nenhuma informação, nenhum estímulo externo (extra-psíque), deixe de excitar os receptores sensoriais, estes estímulos vão proporcionar uma força constante no sentido de uma representação. Manteria um fundo representativo, semelhante à definição de pulsão feita pelo próprio Freud. Uma força constante, uma exigência de trabalho ao psiquismo. O Pictograma como conseqüência e expressão psíquica dos encontros dos órgãos sensoriais com os seus respectivos objetos, vai imprimir uma demanda de trabalho ao aparelho psíquico, obrigando-o a ter que representar, que seria equivalente a ter que desejar. A mobilização do aparelho psíquico imposta pelo corpo também gera uma corrente contrária, isto é, a de não ter que representar. Estas

duas forças em estado bruto são a expressão de todo radicalismo de EROS e TANATOS. Ambos em estado puro levam à destruição. Pelo que foi dito compreende-se a dificuldade do aparelho psíquico de sair desta linguagem binária corporal radical que neste momento está sendo psicologizada. A relativização deste tipo de funcionamento vai ocorrer com o aparecimento da imagem de palavra e a constituição da instância EU. Todo este clima de céu e inferno, onde reina o absoluto ficará eternamente forcluído dos dois outros processos, primário e secundário. Um fundo representativo ficaria presente, alimentado pelos órgãos sensoriais.

O processo seguinte seria o primário, cujo funcionamento é regido pelo desejo do outro. Poderíamos dizer que neste momento, tudo que é criado neste espaço é obra do desejo do outro. A onipotência do desejo é a tônica e sua representação é feita através da fantasia. Toda vivência de prazer ou desprazer é determinado pelo desejo de um outro alheio ao espaço psíquico. Enquanto que no processo originário o postulado básico é o auto-engendramento, aqui as coisas se invertem, transformando-se em hetero-engendramento. Com isto o aparelho não lida com a sua própria impotência e falta de controle com o extra-psique, pois o objeto é onipotente o suficiente para determinar tudo. Muito embora o extra-psique já seja levado em conta, a maneira desta instância funcionar tem algo a ver com a anterior. A autora denomina engrama pictográfico este empréstimo feito ao ORIGINÁRIO, que vai fornecer ao primário um material que ele metabolizará, tornando-se apto a figurar a relação presente entre ele e o corpo materno. Este processo é uma etapa intermediária entre o absolutismo do corpo e relativismo da linguagem. A imagem de palavra ainda está contaminada com a imagem de coisa e a expressão emocional veiculada com a linguagem é que determina o seu sentido. Tanto o prazer como o desprazer é determinado pelo desejo do outro. O masoquismo primário estaria no cerne desta questão. Eu sofro porque o outro deseja que eu sofra e eu tenho de satisfazer este desejo sofrendo. Isto seria extensivo também à vivência do prazer. Satisfazer o desejo do outro é a condição *sine qua non* de sua existência.

O terceiro momento e último corresponde processo secundário, onde a constituição da instância EU vai ter como função primordial dar sentido às coisas. A

chegada da linguagem vai relativizar os modelos de funcionamento radical anterior e reforçar o recalçamento da imagem de coisa. É interessante o pensar de Piera, neste sentido, porque colide com a conceitualização meta-psicológica de Freud, onde ele afirma que a retirada da palavra à coisa, feita pelo pré-consciente, faz esta mergulhar no inconsciente. O pré-consciente, não dando palavra à coisa, torna-a impedida de chegar à consciência, portanto, recalca-a. Vemos que a função deste processo secundário, através da instância EU é de buscar enunciados que dêem sentido aos fenômenos intra e extra psíquicos. É o reino dos enunciados. A busca de sentido seria perseguida até as últimas consequências. Esta é a função própria da instância EU. A ausência desta função levaria ao abismo vazio da ausência de sentido e de palavra, à escuridão total, ao autismo.

Outros conceitos fundamentais são encontrados no livro em questão, que são primordiais para o entendimento da sua teoria. Entre eles temos o conceito de violência primária: violência necessária impetrada pela mãe ao falar e exigir que o "INFANS" responda ou corresponda à sua expectativa à partir do processo secundário, no qual ela já se encontra. A violência secundária tão desnecessária quanto danosa, por ser imposta por um eu sobre um outro eu - de uma maneira ditatorial - um "diktal" de um discurso de poder. O pensamento delirante primário, que é uma criação desse EU em germe; tenta preencher uma estória de sua origem que não foi contada pelos seus pais (mesmo quando contada, explicita sua incoerência). Esta criação (pensamento delirante primário) que é inerente e singular a cada EU que emerge numa situação de incoerência e de conflito, atesta a participação individual e autônoma do EU nesta problemática psicótica. Para não cair do vazio da ausência de sentido, o EU procura buscar e construir um sentido próprio mesmo que seja delirante. Quando a autora afirma que nesta problemática os pais são necessários mas não suficientes, nos apercebemos de que ela está nos levando a uma situação que vai de encontro ao estruturalismo. Vemos nisto algo novo, onde uma instância EU tenta preencher o primeiro parágrafo de sua própria história, que deveria ser preenchida pelos pais, através de uma interpretação própria, mas delirante.



O livro seguinte deste terceiro período da autora, é o **DESTINO DO PRAZER**. Longe de ser um livro teórico por excelência, mostra-se de um valor extraordinário para a prática analítica. Conceitos novos que emergem neste novo livro nos fazem pensar na nossa própria clínica. Teorias aí desenvolvidas dizem respeito às relações entre a instância Eu com a causalidade, a realidade e o prazer. Aparentemente poder-se-ia inicialmente imaginar que se trata de uma simples “Ego-Psychology”, mas a medida que nos aprofundamos em seus conceitos e em seus pensamentos, verificamos o quão distante estamos daquela psicologia. Ainda neste livro ela conceitualiza que a neurose se instala quando existe um conflito entre a instância EU e os projetos identificatórios (ideais) e que na psicose o conflito se instala entre a parte do EU identifiante e a parte identificada. Que a fantasia nunca poderá ser patológica desde que é a expressão do desejo. A patologia está situada nos conflitos de investimentos do EU em relação aos objetos. O enfoque pieranianiano sobre as relações objetais e sobre a teoria do pensamento nos abre um espaço para reflexão. Estas relações são divididas em

simétricas (amor) e assimétricas (paixão). A extrapolação feita do campo da patologia (neurose, psicose) para a relação analista-analisando e analista-analisando-futuro analista, merece ser lida com muito cuidado, pois que nos faz refletir sobre o nosso próprio trabalho e sobre nossas instituições formadoras de analistas.

Isto e mais alguma coisa, muita coisa mesmo, são encontra dos nestes dois livros, que para mim são de fundamental importância para conhecermos um pouquinho mais sobre o funcionamento deste aparelho tão complexo que é a mente humana. Acrescentar mais conceitos e teorias pieranianas nesta pequena reflexão, fugiria do nosso propósito.

Acredito que após a leitura destes dois volumes, nossa prática clínica não será como antes e nossa inserção no meio psicanalítico não será a mesma.

BIBLIOGRAFIA:

AULAGNIER, P. - “A Violência da Interpretação” - Imago Ed. - R.J., 1979.

ibid - “Destino do Prazer” - Imago Ed. - RJ, 1985